

MEMORIA, INFÂNCIA E BRINCAR EM ESCRITOS DE WALTER BENJAMIN: UMA PERSPECTIVA TEÓRICA PARA SE PENSAR O PROCESSO DE FORMAÇÃO E A PRÁTICA DOCENTE EM RELAÇÃO À CULTURA LÚDICA INFANTIL

Claudia Ximenez Alves (UNESP)

Marilda da Silva (UNESP)

Eixo Temático 7

Introdução

Este estudo tem como objetivo recorrer aos ensaios escritos por Walter Benjamin, um dos mais instigantes intelectuais da modernidade e teórico que fundamenta a abordagem teórico-metodológica e conseqüente forma de coleta e análise de fontes empíricas da pesquisa de doutorado que estamos desenvolvendo, tendo em vista o fato de que dedicou parte de seus investimentos à relação entre brincar na infância e cultura lúdica, mais precisamente sobre a memória do brincar e as relações existentes entre infância, cultura, história e memória na sociedade contemporânea pós século XX, objeto de estudo em questão.

Em suas notas, ensaios, reflexões teóricas, traduções, artigos, diários e cartas resgatadas após sua morte, o filósofo Walter Benjamin revisita a própria infância por meio de reminiscências e lembranças de sua memória apresentando-nos, neste exercício de escrita narrativa, concepções de infância e cultura lúdica representadas em experiências (re)significadas em espaços, formas de brincar e tipos de brinquedos constituídos por (e constituintes de) sua história de vida, formação e paradigma de pensamento.

Pressupostos benjaminianos

Segundo Benjamin, sob a lógica das lembranças podemos reparar e ver o que se manifesta no outro e fora de nós. É nessa perspectiva que atribui importância à história do brinquedo e à memória do brincar, estabelecendo relações entre cultura, infância, experiência, narrativa, história e memória, promovendo interações entre a criança (contemporânea) e seu mundo através da memória de sua infância.

Benjamin tinha paixão por brinquedos. Tanto, que alia essa passionalidade a uma genialidade especulativa e poética, tal que o leva a conceber o brinquedo como “categoria” atrelada ao universo infantil, com peculiaridades que admite diversas configurações. Sobre o tema o autor afirma que o brinquedo carrega em si toda a cultura em que se insere sua produção: desde a época ao qual se vincula, até um modo de ver o mundo e de se relacionar com as crianças, passando também pelo modo de educar e apresentar o legado de uma geração, em outras palavras, um projeto de sociedade.

Dentre as inúmeras questões que as idéias de Benjamin suscitam, destacamos aquela que se refere à sua crítica a uma possível didatização, despertada após o final da guerra, dos brinquedos infantis, dos objetos e da cultura. Para Benjamin, a preocupação com a pedagogia é uma constante em seu pensamento. Assim, critica tanto o autoritarismo de idade que submete e subjuga as crianças, entendendo ser esta uma representação de pedagogia anti-educativa, quanto reconhece o adultocentrismo presente nas relações sociais e escolares como reflexo de um processo de pedagogização, naturalização e infantilização da infância (e da cultura).

Benjamin se posiciona contrário à presença de cartilhas modernas que pretendem, segundo ele, alienar a dimensão estética e cognitiva da percepção infantil, de modo a desconstruir ludicamente as crianças.

Para o filósofo, sua teoria sobre a infância concebe-a como categoria central da história. Nessa forma de ver, trata-a como indivíduo social inserido numa história, pertencente a uma classe social, produtor e produto de sua cultura. Tal perspectiva benjaminiana nos oferece a possibilidade de compreendermos a história pela forma como concebemos a infância, desnaturalizando-a e atribuindo-lhe identidade própria. Nestes termos, Benjamin propõe uma antropologia dialético-materialista à sua concepção dada à infância. Seu apreço à pluralidade e a não renúncia do singular em nome da totalidade marcam sua obra e sua construção teórica extremamente ousada em relação à educação.

Ao percorrermos um de seus ensaios, *Infância em Berlim por volta de 1900*, Benjamin nos permite dizer que os conceitos por ele utilizados, tais como memória, narração, rememoração, reminiscência, infância, cultura, brincar, brinquedos e modernidade, partem de um estilo onde os sentidos se apresentam ora ditos ora silenciados, onde o passado do

narrador perpassa experiências pessoais que provocam no leitor uma reação empática que desperta e evoca reminiscências de uma infância imaginada, recriada, perdida e reencontrada pelo e no sujeito que a acompanha.

Memória em Walter Benjamin

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. (...) E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxadada cautelosa e tateante na terra escura. (BENJAMIN, 1987, p. 239)

Na perspectiva benjaminiana, o passado, em um adulto, prepara seu presente na medida em que amplia fronteiras, pois não importa ao narrador aquilo que se viveu, mas o que tece essa lembrança. Deste modo, para Benjamin, passado é fonte e fenômeno de formação e transformação do sujeito. Passado e presente coexistem, não se separam e são dimensões ativas, incompletas e reiteráveis entre si na cultura contemporânea por ele percebida e criticada.

A história, para Benjamin, é um conjunto de diferentes temporalidades, onde passado e presente não se superpõem um ao outro. O que tem significação e duração no tempo histórico, para ele, não é representado por uma linha homogênea e linear, pois experiências vividas em diferentes tempos se desenvolvem de um modo contraditório, ambíguo e concreto. O que importa a ele na apreensão do tempo é a intensidade e não sua cronologia sucessiva e ordenada.

Para Benjamin, o que confere expressividade à história é a experiência e a narrativa, que juntas, permitem-nos compreender os processos culturais e educacionais, em seus impasses e contrastes, pelos quais somos tocados e de onde saímos transformados.

Em sua teoria da Modernidade, Benjamin percebe a memória como parte da experiência humana da modernidade, dando ênfase à sua condição histórica e mutante.

Em vista desta forma de atribuir sentido à experiência e à memória, nos é de suma relevância, enquanto leitor de suas obras, reiterar o modo como explicita a infância e o brincar em sua teoria, associando-as às relações identificadas entre memória e história na modernidade.

Infância, Brincar e Memória de Infância em Walter Benjamin

Walter Benjamin afirma que as memórias da infância de um adulto podem ser acionadas pelos campos da lembrança como um fio que tece a experiência. Assim, o pensador alemão aborda em *Infância em Berlim por volta de 1900* um tema que privilegia e que nos é caro neste estudo: a experiência de brincar na infância na sociedade contemporânea.

Adorno ressalta no posfácio da primeira edição da referida obra que as experiências vividas e atualizadas pelo adulto Benjamin acerca de sua infância podem ser vistas como sendo de um adulto que olha a si mesmo, como se fosse possível observar e sentir em um ponto quase externo de sua interioridade mesma. Ele mesmo, enquanto criança, a procura de si mesmo pelo exercício da memória, é narrado em primeira pessoa, em um processo que associa história, memória e experiência do passado à luz do presente, objetiva e subjetivamente. Assim, condensa, atualiza e compartilha, na voz do narrador, aquilo que recorda, na singularidade de sua história de infância, da criança que foi.

Os textos produzidos por Benjamin a partir de suas expedições às reminiscências da memória têm uma forma compatível com as possibilidades e limitações da mesma, visto que no resgate da experiência durante sua infância, as concilia com as condições objetivas de sua existência.

É nesse processo que, a partir de Benjamin, podemos compreender como brinquedos e brincadeiras infantis documentam como o adulto se coloca em relação ao mundo da criança, uma vez que significativas interações da criança com o adulto e a seu universo social passam pelo brincar e uso de brinquedos.

Para Benjamin, a memória do brincar é um substrato que pode estabelecer liames entre passado e presente, entre distintas realidades espaciais e temporais, individuais e sociais.

Segundo Vaz (2010), em vários de seus escritos, recorda e descreve brincadeiras e explorações de uma criança, ele mesmo, que adora colecionar e, portanto, conservar brinquedos e miniaturas de realidade, numa forma de atribuir, assim, novas configurações a objetos e artefatos, então plenos de ritualidade e signos.

Em seus ensaios sobre a cultura da infância, o brincar e os brinquedos, desdobra a história cultural dos brinquedos desde épocas pré-industriais até a década 40 do século XX, atribuindo ênfase a um processo que se inicia no século XIX e que recai na substituição paulatina de objetos lúdicos artesanais por fabricados industrialmente, no período que designa como capitalismo pós-industrial.

A crítica benjaminiana, feita na contramão das leituras contemporâneas feitas até então, nos ajuda a compreender que, sob a lógica da sociedade do consumo, os brinquedos, assim como muitas brincadeiras infantis, passam a impregnar as marcas das transformações sociais e culturais, a começar pela representação como objeto e bem de consumo que incorpora e reproduz diante das prerrogativas do mercado.

Em *História cultural do brinquedo* e em *Brinquedos infantis de tempos antigos*, Benjamin reconhece o declínio da simplicidade dos brinquedos, assim como se preocupa com a artificialização e fragmentação de seu uso, que associa ao processo de industrialização do lúdico e da infância, que propicia à criança o distanciamento com os adultos, com o imaginário e com o processo de criação próprio do brincar.

O que nos chama a atenção em suas notas é a forma como se opõe fortemente em relação ao mercado moderno que fabrica brinquedos em escala industrial (e não mais artesanal) sob aspectos que desconsideram a infância na sua natureza particular, atribuindo-lhes traços realistas que caracterizam o que adulto concebe nele, a partir de sua perspectiva, e não aquilo que a criança deseja em relação ao brinquedo.

Para Benjamin, as lojas de brinquedos passam a caricaturizar o capital econômico moderno condicionando-o em brinquedos cujas formas e processos de produção contrastam com o caráter e formato artesanal e popular que antes conferiam aos brinquedos um traço de simplicidade relacionado intimamente a seu criador, que por sua vez, combinava, segundo ele, uma técnica primitiva com um material rudimentar.

Segundo Benjamin, o comerciante de brinquedos do século XVIII e XIX era o vendedor doméstico de ferragens e de marcenaria, que produzia os brinquedos nas oficinas manufatureiras de entalhadores em madeira, de fundidores de estanho, de fabricantes de velas e de confeitores de doces. Era o artesão pouco especializado que considerava o brinquedo como um produto com traços peculiares, que aproximava pais a filhos.

Assim como se podia encontrar animais de madeira com o marceneiro, assim também soldadinhos de chumbo com o caldeireiro, figuras de doce com o confeitiro, bonecas de cera com o fabricante de velas (2009, p. 68).

Segundo Benjamin, de pequenos objetos os brinquedos tornam-se maiores e perdem sua identidade, subvertendo-se ao controle dos adultos, ao universo do artefato decorativo e à indiferença da criança.

Para Benjamin, no mundo dos brinquedos, mais particularmente no mundo da criança que brinca, se aproximam e misturam-se pedras, plásticos, metais, vidro, madeira, papel, ossos, tecidos ou argila. Estes materiais são mimetizados e transformados em brinquedos numa relação de entrega, emancipação, contemplação e supremacia em relação ao objeto, resistência à banalização, criação e repetição.

Ninguém é mais casto em relação aos materiais do que crianças: um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha reúnem na solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras (BENJAMIN, 2009, p.92)

Para Benjamin, na brincadeira da criança é o conteúdo imaginário e simbólico que determina sua atividade lúdica e não os objetos-brinquedos que utilizam (na sua dimensão material). Com efeito, contesta a crença de que a criança subordina-se ao brinquedo ou está fundida simbioticamente a ele. O brinquedo, para Benjamin, é visto como um instrumento híbrido e dialógico, que permite à criança manipulá-lo conforme seus interesses e desejos, pois (...) “para a criança que brinca sua boneca ora é grande, ora é pequena, (...) pois se trata de um ser subordinado”. (BENJAMIN, 2009, p.98) Em outras palavras, para Benjamin, os brinquedos refletem a transformação e as peculiaridades culturais e históricas pelas quais passam a infância contemporânea nas suas íntimas vinculações com o brincar.

A *criança*, para Benjamin, imita, incorpora e traduz o realismo do universo adulto para o cenário lúdico infantil, onde tudo pode ser livremente subvertido.

Atrás do cortinado, a própria criança transforma-se em algo ondulante e branco, converte-se em fantasma. A mesa de jantar, debaixo da qual ela se põs de cócoras, a faz transformar-se em ídolo de madeira em um templo onde as pernas talhadas são as quatro colunas. E atrás de uma porta, ela própria é porta, incorporou-a como pesada máscara e, feita

um sacerdote-mago, enfeitiçará todas as pessoas que entrarem desprevenidas. (...) Quem a descobrir pode fazê-la petrificar-se como ídolo debaixo da mesa, entretê-la para sempre com fantasma na cortina, bani-la pelo resto da vida na pesada porta. (BENJAMIN, 2009, p. 107-108)

Nesse contexto, é percebida como sujeito portador de uma natureza cujo imaginário pode ser constituído e reconstituído por personagens sombrios, grotescos e cruéis no ato de brincar.

“Pequenos atentados terroristas maravilhosamente executados, com príncipes que se despedaçam, mas que voltam a se recompor; incêndios que irrompem automaticamente em grandes lojas, invasões e assaltos. Bonecas-vítimas que podem ser assassinadas de diversas formas e seus correspondentes assassinos com todos os seus respectivos instrumentos; guilhotina e forca (...)” (BENJAMIN, 2009, p. 87).

A criança e a experiência infantil esboçada por Benjamin aparece sempre vinculada ao mundo do brinquedo, percebido enquanto artefato material, simbólico, cultural e social. Este brinquedo, em si, é apresentado como extensão de seu próprio corpo, confundindo-se com ele, por vezes, como sujeito.

A criança, para Benjamin, é aquela que reconstrói e ressignifica de um modo compreensível os brinquedos, no ato de brincar. Brincando, a criança renova o antigo, subverte a lógica do adulto e experimenta algo novo. Nesse sentido, “uma vez extraviada, quebrada e consertada, mesmo a boneca mais principesca transforma-se numa eficiente camarada na comuna lúdica das crianças”. (BENJAMIN, 2009, p. 87).

Brincar com um brinquedo, em Benjamin, assume, na criança, a experiência que lhe permite o refúgio, a perda, o (re)encontro, o domínio de si e o acesso ao outro. Brincando a criança liberta-se e reedita papéis sociais criando para si um mundo próprio: habitual, intenso e renovado.

Esta concepção benjaminiana de emancipar a criança em relação ao artefato-brinquedo que utiliza corresponde ao modo como a criança passa a ser representada a partir do desenvolvimento industrial e pós-industrial, enquanto consumista e suscetível às nuances ditadas pelo materialismo cultural pelo qual o brinquedo passa a ser inscrito.

Como exemplo de tal apontamento, percebido como reflexo de tal transformação, Benjamin (reiteramos aqui) critica o processo de plastificação e de homogeneização por que passam os brinquedos,

chegando a prenunciar, assim, o processo de virtualização, tecnologização e didatização crescente do brinquedo, na associação que estabelece entre imagem e lúdico.

Fica-nos evidente a forma como Benjamin apresenta o processo de mercadorização do brinquedo e da criança, que, a seu modo crítico de observar, pode ser percebido tanto nos tipos de materiais (da madeira ao plástico, por exemplo) quanto na forma de produção e formato dos brinquedos, que impõem novas configurações em termos de relação entre estes e as crianças, por vezes doutrinada e condicionada pelos adultos que os produzem.

Em *Velhos Brinquedos, sobre a exposição de brinquedos no Markische Museum*, o ensaísta reitera sucessivas críticas a este universo por ele designado como cenário de objetos do mundo lúdico infantil representado por adultos. Entre os brinquedos apresentados e sobre ele refletidos, anuncia desde cavalos de madeira até soldadinhos de chumbo, bonecas de resina e/ou de cera e trenzinhos.

Seu estilo literário em *Infância em Berlim por volta de 1900*, obra significativa entre as que se refere à cultura lúdica infantil contemporânea, apresenta um forte apelo autobiográfico, ainda que o próprio autor não nos autorize a categorizá-lo como tal. Sua biografia pessoal nos é apresentada como individual e coletiva, imbricada e implicada entre si, não no sentido clássico e convencional que segue uma cronologia linear, mas descontínua, enquanto expressão construída a partir de fragmentos de pensamentos de uma escrita autoral marcada pela originalidade e distinção de seu modo de ser e ver no mundo, e não pela concisão, objetividade e geometria do projeto que fundamenta a ciência moderna em vista de um estilo racional e cartesiano como forma de expressão, legitimado entre seus pares à época: sujeitos celebrados por sua racionalidade; estudiosos da modernidade do século XX.

Ao evocar a experiência histórica do narrador, no caso, o menino sensível que através da voz e da palavra do adulto exilado e crítico atento desvela detalhes, segredos e lembranças de um cotidiano que reflete e condensa experiências e imagens de revoltas e desejos coletivos vividos em um cenário histórico preciso: a cidade de Berlim do Segundo Império.

É deste modo que recupera, em certo sentido, a maneira de ver da criança, sua sensibilidade e valores. A partir de memórias que reconstitui de sua própria infância, em um período histórico marcado por fortes

transformações sociais, o autor busca recuperar a cultura lúdica e a forma de perceber o mundo sob sua perspectiva.

É na Berlim Benjaminiana, que se industrializa rapidamente e que se transforma em metrópole do dia para a noite, despontando como potência econômica imperialista, que o garoto vagueia, observa e medita pelas ruas e galerias da cidade, casas de amigos, cafés, zoológico, fontes, lojas e caminhos das escolas. É nesse cenário que se recorda dos passeios com sua mãe, no jeito de caminhar um passo atrás, atento a emoções, lugares, pessoas e paisagens.

O referido livro, escrito em 1933, foi dedicado ao filho Stefan e escrito após *Crônica Berlimense*, e registra suas impressões cotidianas e subjetivas na perspectiva de uma criança nascida em Berlim no começo do século. À busca de compreensão sobre sua cidade de origem, Benjamin reúne lembranças e recortes de experiências infantis vividas com adultos, brinquedos, escola e livros e(m) lugares significativos em sua formação. Narrado e compartilhado com o leitor, o universo infantil é retratado com riqueza de detalhes a partir de memórias reconstituídas tal como em um jogo de quebra-cabeças.

O passado é apresentado através de imagens, sons, aromas e metáforas, próximas e distantes. Do aroma de maçã assando no forno na manhã de inverno à criança que passeou e entregou-se a diferentes territórios e objetos de sua casa, os acontecimentos entrecruzam passado e presente, história e memória, revelando-nos pelos labirintos da memória a curiosidade, o encantamento e a estranheza implicados e atualizados na narrativa (assim como na filosofia, literatura e crítica) de Walter Benjamin.

Seu olhar de adulto se conjuga ao tato experimentado e lembrado de e em sua infância. Em *A despensa*, diz:

Na fresta deixada pela porta entreaberta do armário da despensa, minha mão penetrava como um amante através da noite. Quando já se sentia ambientada naquela escuridão, ia apalpando o açúcar ou as amêndoas, as passas ou as frutas cristalizadas. E, do mesmo modo que o amante abraça sua amada antes de beijá-la, aquele tatear significava uma entrevista com as guloseimas antes que a boca saboreasse sua doçura. Com que lisonjas entregavam-se à minha mão o mel, os cachos de passas de Corinto e até o arroz! Com que paixão se fazia aquele encontro, uma vez que escapavam à colher! Agradecida e desenfreada, como a moça raptada de sua casa paterna, a compota de morango se entregava mesmo sem o acompanhamento do pãozinho e para ser saboreada ao ar livre, e até a manteria respondia com ternura à ousadia de um pretendente que avançara até sua alcova de solteira. A mão, esse Don Juan juvenil, em pouco tempo,

invadira todos os cantos e recantos, deixando atrás de si camadas e porções escorrendo a virgindade que, sem protestos, se renovava. (BENJAMIN, 1987, p. 87-88)

Na referida narrativa, distanciam-se e combinam-se o olhar e o tatear, no qual Benjamin experimenta cheiros, texturas, densidades e espessuras de objetos e lugares plenos de experiências sensoriais.

Nada superava o prazer de mergulhar a mão em seu interior tão profundamente quanto possível. E não apenas pelo calor de lã. Era tradição enrolada naquele interior que eu sentia na minha mão e que, desse modo, me atraía para aquela profundidade (...) Tudo o que era guardado a chave, permanecia novo por mais tempo (...) Mas meu propósito não era conservar o novo e sim renovar o velho. (BENJAMIN, 1987, p. 122-124)

Em *Criança Desordeira*, apresenta o modo infantil de ver e se apropriar do mundo, suas afinidades e sentidos atribuídos aos objetos do mundo que a circundam. Sua forma de se identificar e compreender as coisas, transformando-as e nelas transformando-se quando brincam, fica evidente neste ensaio ao escrever:

Toda pedra que ela encontra, cada flor colhida e toda borboleta capturada já é para ela o começo de uma coleção. Na criança, esta paixão revela o seu verdadeiro rosto, o severo olhar de índio, que continua a arder nos antiquários, pesquisadores, bibliômanos, porem com um aspecto turvo e maníaco. Mal entra ela na vida e já é caçador. Caça os espíritos cujos vestígios fareja nas coisas; entre espíritos e coisas transcorrem-lhes anos, durante os quais o seu campo visual permanece livre de seres humanos. Sucede-lhe como em sonhos: ela não conhece nada de permanente; tudo lhe acontece, pensa ela, vem ao seu encontro, se passa com ela. Os seus anos de nômade são horas passadas na floresta de sonhos. De lá ela arrasta a presa para casa, para limpá-la, consolidá-la, desenfeitiçá-la. Suas gavetas precisam transformar-se em arsenal e zoológico, museu policial e cripta. "Por em ordem", significaria aniquilar uma obra repleta de castanhas espinhosas, que são as clavas medievais, papéis de estanho, uma mina de prata, blocos de madeira, que são os ataúdes, cactos, as árvores totêmicas e moedas de cobre, que são os escudos. A criança já há muito tempo no armário de roupas de mãe, na biblioteca do pai, enquanto que no próprio território continua sendo o hospede mais instável e belicoso. (BENJAMIN, 2009, p. 107)

Nas palavras de Walter Benjamin, as crianças gostam de brincar e sentem-se irresistivelmente atraídas pelos destroços e resquícios que surgem em seu cotidiano doméstico, do trabalho de seus pais ou de espaços outros com os quais tenham contato.

Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. Neles, estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma relação nova e incoerente. Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande. (BENJAMIN, 2009, p.104)

Neles (nos objetos) reconhecem o mundo das coisas ressignificado para elas, e só para elas. No plano das representações sociais, não brincam somente de ser professor, comerciante, pai ou personagem de televisão, mas também de serem cavalo, moinho de vento, trem, caminhão e trator.

A intenção delas não é só imitar aquilo que perfaz o mundo dos adultos, mas sim estabelecer entre os mais diferentes objetos e percepções do e sobre o cotidiano, e a partir daquilo que (re)criam em seus brinquedos e brincadeiras, uma nova e particular relação. Segundo Benjamin, é assim que as crianças formam seu próprio mundo das coisas, com um pequeno universo inserido em um maior: imitam e criam, fazem de novo, com novos arranjos e interpretações, a partir daquilo que têm de modelo. Assim, o autor desarticula a referência de um sujeito que vive em devir, concebendo-o como quem tem outras perspectivas diferentes às dos adultos.

Não são as coisas que saltam das paginas em direção à criança que as vai imaginando – a própria criança penetra nas coisas durante o contemplar, como nuvem que se impregna do esplendor colorido desse mundo pictórico. Diante de seu livro ilustrado, a criança coloca em prática a arte dos taoístas consumados: vence a parede ilusória da superfície e, esgueirando-se por entre tecidos e bastidores coloridos, adentra um palco onde vive o conto maravilhoso. (BENJAMIN, 2009, p.69).

De um modo peculiar, os escritos benjaminianos tomam a infância e o brincar na infância, particularmente, como elementos que não admitem fronteiras, como instâncias que dialogam descontinuamente. É assim que nos apresenta o conteúdo e a forma de seus escritos, de um modo dialético e fragmentado, no qual busca recuperar na teoria a dimensão de singularidade e totalidade, como afirma Kramer (1994), a partir de uma perspectiva filosófica onde o micro e o macro se fundem entre as suas memórias de infância (eu) e as de outras crianças (nós) com histórias vividas no capitalismo de sua época, o qual reiteradamente critica e historiciza.

Em um estilo de redação que intercambia concisão e complexidade, Benjamin apresenta uma forma de ser criança: lenta, desorientada e criativa. Tal forma de (se) mostrar criança coaduna com a forma como a relaciona e aproxima das brincadeiras infantis, e por meio destas à trocas e práticas de conhecimento do mundo das coisas.

Partindo de referências que se mantinham vivas em sua memória, Benjamin assume uma posição de cronista (ou narrador) que faz a história de pequenos acontecimentos do capitalismo pós-industrial; escreve como quem busca preservar os valores da infância. Para isso, alia história e linguagem através da narrativa e a coloca como recurso para se compreender e acessar o passado, entendido como obra inacabada. Assim, privilegia o ato de rememorar e afirma ser através dele possível despertar experiências significativas e esquecidas.

Segundo Jeanne-Marie Gagnebin (2004, p.80), o trabalho da memória e vínculo do passado/presente em Benjamin permite a seu leitor visualizar imagens de um passado infantil que volta para iluminar o presente por uma coincidência súbita que não depende da memória voluntária do sujeito, visto que não é tida como algo fruto de um acaso. Afirma a autora que Benjamin dirige sua atenção para fora, e assim, objetiva tal memória numa não-tentativa de rever os êxtases da infância.

Considerações Finais

Das reflexões que foram elaboradas, ao longo deste estudo, podemos dizer que, no pensamento benjaminiano, se assenta uma visão de infância não complacente, não infantilizada, não simplista e, portanto, não reducionista. Suas obras nos surpreendem, dada a contemporaneidade de seus textos escritos na primeira metade do século XX. Seu senso de realidade e sensibilidade acurado, típicos de um homem culto, inteligente e livre de estilos e concepções acadêmicas convencionais, permite-nos pensar a Educação com e a partir dele.

Ao revisitarmos suas idéias originais, críticas e irreverentes, nos sentimos instigados a pensar e ver o mundo de um modo amplo e profundo, onde tanto a infância quanto os seus lugares possam vir a ser (re)constituídos por geografias, arquiteturas, arqueologias, identidade, gestualidade e materialidade próprias, no contexto contemporâneo.

Dada a peculiaridade do tema e à pluralidade de leituras interpretativas que o legado benjaminiano nos possibilita, que justificam a necessidade de uma análise mais apurada de suas obras, espera-se contribuir com outros estudos que, no campo da educação, vêm elucidando perspectivas acerca do processo de formação e prática docente em relação à cultura lúdica infantil, mais precisamente acerca da infância e dos lugares da infância no contexto contemporâneo.

Referências

BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2009.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas. Rua de Mão única**. São Paulo: Brasiliense, v.2, 1987.

GAGNEBIN, J-M. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo, Perspectiva, 2004.

KRAMER, S. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Atica Ed, 1994.

VAZ, A F. Educação, experiência, sentidos do corpo e da infância (um estudo experimental em escritos de Walter Benjamin), In: Pagni, P. A. e Gelamo, R. P. (orgs). **Experiência, Educação e Contemporaneidade**. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2010.